



A festa de Tu Bishvat: Uma reflexão entre o judaísmo e o meio ambiente
The feast of Tu Bishvat: A reflection between Judaism and the environment

Dionísio Moreno Ferres*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) | São Paulo, Brasil
dionisiomoreno.edupos@gmail.com

Resumo: Este artigo retrata a singularidade da festa de Tu Bishvat, contida no calendário judaico e sua relação com o meio ambiente, principalmente em relação às atuais crises ambientais. Dentro dessa perspectiva, apresentamos vários aspectos, que questionam nossa condição humana histórica, em relação a natureza como também apresentamos aspectos distintivos e solenes que demonstram que a tradição judaica entendeu de forma diferente a relação com o meio ambiente, diferenciando-se dos demais povos da crescente fértil e como minoria soube resistir aos contrastes religiosos do panteísmo e do politeísmo com um calendário próprio, festivo e com uma ritualística que revela uma profunda sintonia com toda a natureza e que foram preservados pelos sábios de Israel ao longo dos milênios.

Palavras-Chave: Festa de Tu Bishvat. Meio ambiente. Crise contemporânea.

Abstract: This article portrays the uniqueness of the feast of Tu Bishvat, contained in the Jewish calendar, and its relations with the environment, especially in relation to current environmental crises. Within this perspective, we present several aspects that question our historical human condition in relation to nature, as well as presenting distinctive and solemn aspects that demonstrate that the Jewish tradition understood the relationship with the environment differently differentiating itself from other peoples of the Fertile Crescent and as a minority knew how to resist the religious contrasts of pantheism and polytheism with its own festive calendar and rituals that reveal a deep harmony with all of nature and which were preserved by the wise men of Israel throughout the millennia.

Keywords: Feast of Tu Bishvat. Environment. Contemporary crisis.

Introdução

A festa de *Tu Bishvat*¹, conhecida como “Ano Novo das Árvores” é uma celebração que acontece no dia 15, do mês judaico de *Shvat*², correspondente aos períodos que

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Significa dia 15 do mês hebraico de *Shvat*.

² Corresponde ao quinto mês civil e o décimo primeiro mês religioso do calendário judaico.



atravessam metade dos meses janeiro e fevereiro do calendário gregoriano. Esta festa foi instituída pelos sábios de Israel, tendo como fundamento o versículo da *Torá*, *Devarim*, 20:19, “Livro de Deuteronômio” que diz que “o homem é como a árvore do campo”.

Neste período ocorre o abrandamento do inverno e o aumento das chuvas na terra de Israel, iniciando-se, portanto, um novo ciclo de fortificação e frutificação da vegetação e, portanto, é uma época de plantios e de colheitas.

Este período está relacionado também com o cumprimento de *mitzvot* “mandamentos” instituídos para esse tempo como, por exemplo, os estabelecidos em *Vayicra*, 19:23, “Levítico” que diz: “Quando entrardes na terra e plantardes toda sorte de árvore de comer ser-vos-á vedado o seu fruto; três anos vos será vedado; dele não se comerá”

Existe uma sintonia ritualística das estações, com seus ciclos, que conecta o povo judeu dentro uma compreensão unitária entre o sagrado e a natureza sem, contudo, diviniza-la.

São tempos de *Shvat*, mês que indica muitas bênçãos, envoltos em uma mística que reforça a necessidade de conectar-se nos espaços simbióticos, com o meio ambiente, exigindo dos seres humanos uma reaproximação com todos os elementos da natureza, e que, de certa forma, atenua o afastamento histórico do qual a nossa espécie protagonizou para si mesma, impulsionada por culturas e tecnologias que, séculos a séculos, nos levaram ao isolamento em relação ao mundo natural, chegando a classificá-lo como selvagem, numa visão dualista e que nos diferencia como espécie habitante de espaços considerados “civilizados”, reforçando um entendimento de que somos de condição diferenciada, uma espécie superior, privilegiada pelo Criador, condicionando semânticas opostas, como por exemplo, “animais selvagens” e “animais domesticados” indicando existências separadas, pouco comunicáveis e até mesmo uma possibilidade de humanização da natureza. Para Edgar Morin, esse dualismo despreza a complexidade de nossa condição no planeta e dificulta a compreensão sobre nossa condição e nosso lugar no planeta, pois não há mais espaços incomunicáveis ou separados e, portanto, será preciso com urgência, abandonar essa visão dualista e quisermos salvar o planeta de um colapso, inclusive ambiental.

Por isso, a festa de *Tu Bishvat* nos possibilita o reconhecimento dessa complexidade e afasta a dualidade para um reencontro essencial com o mundo natural. Na atualidade a festa é comemorada com alimentos que simbolizam essa interdependência. Além disso, todo o contexto ritualístico está entrelaçado com os preceitos legais da *Torá* em relação aos cultivos, colheitas e dízimos dentro de uma dimensão sagrada.



Em termos pedagógicos a festa também possibilita momentos especiais para as crianças nos ambientes escolares onde são desenvolvidas atividades relacionadas ao contato mais próximo com a natureza possibilitando uma reflexão sobre o nosso destino e nossa missão como espécie e o que essa relação pode proporcionar no desenvolvimento de uma conscientização de respeito e de responsabilidade para com a natureza.

1 O tempo no mês de *Shvat*

O mês de *Shvat* nos possibilita repensar a vida sob muitos aspectos, dentro de tempos biológicos, com seus ciclos e suas particularidades climáticas, muitas vezes dispersas e imperceptíveis em ambientes como os das grandes cidades, escritórios, lares permeados por tecnologias que ressignificam a vida dentro de relações aceleradas, disruptivas em plataformas artificiais.

Portanto, temos uma celebração que quebra com esse ciclo e reaproxima os seres humanos da natureza e de seus ritmos biológicos tornando-se uma oportunidade de um reencontro vitalizante e revigorante, na medida em que entendemos que fazemos parte desses processos naturais e que a modernidade com seus ritmos tecnológicos tende nos afastar. Existem inclusive aqueles que entendem esse afastamento como uma alienação, sendo que, na visão de Edgar Morin o ápice desse processamento está na inteligência artificial que nos leva ao paroxismo do mito da necessidade histórica do progresso e do domínio, pelos humanos³ não só em relação à natureza, mas também em relação ao seu destino como ser humano.

São tempos de estranhamentos constantes nas relações coletivas, que não são capazes de captar os esgotamentos sistemáticos e nos absorvem em sistemas e redes opressivas.

A celebração de *Tu Bishvat* nos convida, dentro da tradição judaica, a participar do projeto divino, sagrado e estabelecido em comunhão com toda a criação. Esse reconhecimento nos apresenta três aspectos gerais que nos possibilitam, a partir deles, estabelecer outras conexões saudáveis com o meio ambiente.

O primeiro aspecto é o reconhecimento de que todas as obras da natureza se constituem em *brachot* “bênçãos” e que são resultantes de uma inteligência maior e indisponível cabendo a nós o respeito a toda a diversidade da criação divina dentro de nossas limitantes interpretações.

Nas palavras do salmista em *Tehilim*, 104:24: “Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras! Todas as coisas fizeste com sabedoria; cheia está a terra das tuas riquezas”.

³ MORIN, 2020, p.20.



O segundo aspecto está relacionado com o primeiro no entendimento de que as *brachot* “bênçãos” se constituem em *matanoth* “presentes” dos quais o Criador nos concede com a extração de alimentos e medicamentos.

Em *Vayicra*, 25:19, lemos: “A terra dará o seu fruto: vós os comereis com fartura e habitareis em segurança”

O terceiro aspecto está relacionado com outros dois anteriores no sentido de que, o Criador mantém a sua criação e a sustenta, cabendo a nós, mantê-la como lembrança *Ledor Vador* “de geração em geração” permanecendo assim uma memória e uma consciência ecológica para as presentes e futuras gerações.

Os mestres cabalistas afirmam que na região de *Safed* era celebrado um *Seder* “jantar ritualístico”, especial de *Tu Bishvat* preparado com os doze frutos da terra de Israel, ou seja, uvas, figos, romãs, tâmaras, azeitonas, *etrog* “cidra”, maçã, nozes, amêndoa, pera e alfarroba. Cada fruto possui um simbolismo especial. No caso da alfarroba, sua presença vem ganhando espaço nas celebrações por apresentar um significado importante para a atualidade, pois seu fruto é o mais demorado para amadurecer e exige paciência, algo tão importante em nosso tempo. A relação entre a alfarroba e *Tu Bishvat* não remonta aos tempos antigos, seu simbolismo ganhou espaço e significado particular nas últimas décadas principalmente pela aceleração das relações sociais causadas pelas novas tecnologias como contraponto aos ritmos acelerados do cotidiano e que segundo alguns especialistas, tem sido o motivo para tantos distúrbios psicológicos, ansiedade, dentre outras patologias humanas características dos tempos atuais.

Assim, as celebrações de *Tu Bishvat*, representam um tempo simbólico importante para a atualidade que ultrapassa o judaísmo, na tríplice relação entre os humanos, a natureza e o sagrado. Esses processos tornam-se benéficos na medida em que conjugam aspectos de uma tradição religiosa milenar aos fatos da vida secular moderna.

2 As crises contemporâneas

Estudiosos contemporâneos, principalmente os ligados aos estudos e pesquisas sobre as mudanças climáticas, apontam para um novo tempo na superfície da terra, marcada pela presença dos humanos e pelas transformações que essa presença vem causando no meio ambiente.

Colocados sob questionamentos constantes, nossos processos de exploração dos recursos naturais e nossos modelos de vida, estruturados na dinâmica do crescimento econômico sem limites tem deflagrado variadas crises. Diversas crises se estabelecem, sob diversos aspectos, que passam a ameaçar todos os seres vivos do planeta.



Diante desses problemas a crise ambiental apresenta-se como a mais complexa e a mais ameaçadora. Ela assume proporções planetárias.

A condição humana se insere nesse contexto como causa e vítima ao mesmo tempo dos mesmos eventos climáticos, além disso, muitos discursos surgem nos meios ecológicos que acusam as religiões, principalmente as monoteístas, da tradição da bíblia hebraica, por serem legitimadoras de todos esses cenários de crises, advindas das interpretações das narrativas retiradas principalmente em *Bereshit* “Gênesis” que insistem que nelas estão constituídos os vieses antropocentristas que outorgaram aos humanos legitimidade para dominar a natureza e a explorá-la sob todas as suas formas. Porém essa interpretação não corresponde à exatidão da narrativa da *Torá* analisadas em seu contexto original do qual deveria ser compreendida a narrativa.

O desconhecimento do hebraico e da cultura judaica por grande parte do mundo ocidental constituiu-se em um fator decisivo para que interpretações e acusações como essas ocorram até mesmo nos meios científicos e por estudiosos como Lynn Townsend White Jr, professor de história na Universidade Princeton. Em seu artigo intitulado *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis*, publicado pela *Science Magazine*, em 1967, o autor acusou a religião de ter sido a legitimadora da exploração dos recursos naturais, sob o discurso que coloca a espécie humana como privilegiada, porém essa interpretação comete alguns excessos.

O excesso de “humanismo” outorgando superioridade à espécie humana como preceitua o artigo em detrimento a qualquer outra espécie viva, encontra limitações na própria *Torá*, que não afirma essa condição no contexto da narrativa. A fragmentação do texto e de seus versículos, feito por Lynn White Jr, desfigura o contexto da narrativa.

O humano se realiza em seu propósito na medida em que cuida das demais espécies do planeta e que hoje exige uma nova forma regenerada do próprio humanismo. Para Edgar Morin, “O humanismo regenerado rejeita o humanismo de quase divinização do homem, voltado para a conquista e a dominação da natureza”⁴ isso sugere mudarmos definitivamente dos modelos de vida que adotamos até o momento para regenerar nossas vidas em comunhão com as demais espécies vivas do planeta, reconhecendo nosso papel coadjuvante ao invés de querermos insistir no protagonismo de domínio, exploração e sujeição da natureza as nossas vontades e decisões equivocadas. O texto da *Torá* possui preceitos que contradizem essa interpretação de Lynn White Jr, como por exemplo, o preceito de que devemos primeiro sanar a fome dos animais que estão sob nossa responsabilidade para depois nos alimentarmos, sendo este um exemplo significativo que difere de um humanismo divinizante do humano.

⁴ MORIN, 2020, p. 84.



Em tempos passados, na história do povo hebreu, os profetas desempenharam um papel importante na orientação pedagógica, em textos repletos de preceitos e que mantiveram os hebreus dentro de um contexto que os diferenciava dos demais povos que viviam no entorno do crescente fértil em relação ao meio ambiente como podemos observar no estilo prático utilizado por Naomi Oreskes e Erik Conway no livro *The Collapse of Western Civilization: A view from the future*, que apresentam uma dramatização dos problemas enfrentados pelas ciências contemporâneas em relação aos seus propósitos e a sua função social. Embora o livro seja uma ficção científica, os autores em suas vastas pesquisas sobre a história da ciência, nos alertam para a necessidade de condutas éticas como um compromisso essencial para redução dos riscos, assim como fizeram os *Nevi'im* “profetas” no passado.

Os autores descrevem uma imagem do mundo irreconhecível no futuro, que sofreu transformações causadas exclusivamente pela espécie humana. Esse processo transformador, indicado por muitos, como um processo em andamento foi denominado de Antropoceno, expressão proposta pelo Prêmio Nobel de Química, Paul Crutzen, em substituição ao termo Holoceno, utilizado até então pelos geólogos para classificar as épocas do Planeta Terra.

Embora esse conceito seja polissêmico, podemos defini-lo como a época dos humanos, em que a supremacia dominadora da espécie humana no planeta é a responsável pelas modificações e transformações que estão ocorrendo na superfície da terra sendo, muitas delas, infelizmente negativas e irreversíveis em termos de danos ao meio ambiente como a devastação dos biomas, extinção de espécies, desertificação de florestas e contaminação dos solos e das águas.

Portanto, diante desses cenários que podemos denominar de crise, celebrar *Tu Bishvat* é ressignificar a nossa condição humana de cuidados com o meio ambiente e renovar o nosso compromisso ético em relação a todos os seres vivos. É também um convite pedagógico que desperta principalmente nas crianças e nos jovens um reencontro ressignificativo com a natureza, dentro da tradição judaica, reforçando o convívio harmonioso e necessário, que deveria permanecer entre as espécies, que nasce desde os tempos Adâmicos e ressoa no presente e para o futuro.

3 A desorientação entre as religiões no Ocidente e a ecologia

Quando falamos em ecologia dificilmente lembramos que ela pode ter uma dimensão religiosa, sendo o inverso também verdadeiro, ou seja, que a religião pode ter uma dimensão ecológica, mas infelizmente, essas relações foram pouco pesquisadas. Porém, ela sempre esteve presente na história da humanidade. Na antiguidade muitos povos dedicaram especial atenção aos fenômenos da natureza quanto estavam diante de suas forças e das suas maravilhas. Muitos deles sentiam-se inclinados a adorá-la. Essa forma adoração se apresentou como algo sedutor em



relação à experiência sagrada ao que ficou denominado de panteísmo. Para Heschel, “essa necessidade humana não pode se resumir na questão do que se deveria adorar, mas qual seria o objeto merecedor de nossa adoração”⁵.

A perspectiva levantada por Heschel é fundamental para a tradição judaica, visto que, o objeto de adoração não pode ser algo diverso do Criador e, portanto, não poderá ser uma criatura, o que, inclusive, encontra proibição expressa na *Torá*. Trata-se de um preceito fundamental dentro da experiência religiosa judaica, pois quando se tem liberdade para escolher o objeto da adoração, facilmente nos sentiremos arrebatados para adorar os encantos da natureza com sua exuberância, força e diversidade, como algo sagrado. O ponto central na análise de Heschel foi a dificuldade de resistência e resiliência em não cometer o equívoco em substituir o Criador pelas criaturas “na verdade é difícil viver sob um céu estrelado e não ficar impressionado com seu mistério”⁶.

Se percorrermos as civilizações do passado, principalmente aquelas localizadas em torno do crescente fértil notaremos que grande parte delas desenvolveram rituais de adoração à natureza. Suas manifestações ordinárias e seus fenômenos extraordinários foram inseridas dentro do contexto religioso da devoção e da subordinação para muitos povos do oriente, porém o povo hebreu soube preservar suas restrições nessa experiência advinda da própria experiência religiosa e que foi mantida de forma singularizada devido os esforços e advertências dos profetas e dos sábios de Israel.

Em *Bereshit*, 2:9, “Gênesis” está escrito que existiam “árvores agradáveis à vista”. A narrativa bíblica apresenta o indicativo daquilo que nos fascina, atraindo os nossos olhares e que poderia se tornar uma ameaça para a fé judaica. Reconhece Heschel que “a beleza da natureza pode se tornar uma ameaça para nossa compreensão espiritual”⁷, que diante de nossa liberdade de escolha, maravilhados pela exuberância das imagens da natureza poderemos nos render aos seus encantos e fenômenos e que não seria apenas uma transgressão a um preceito fundamental do judaísmo de proibição à idolatria como descrito em *Shemot* 20:4, “Êxodo”. Além disso, estaria toda a humanidade se afastando dos propósitos da criação determinados pelo Criador para a espécie humana que é o cultivo e não o culto da natureza.

A proibição do culto às imagens, na experiência sagrada judaica, está presente em *Shemot*, 20:4 “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra”.

⁵ HESCHEL, Abraham Joshua. Deus em busca do homem, p.78.

⁶ HESCHEL, 2006, p.78.

⁷ HESCHEL, 2006, p. 79.



A proibição facilita nosso entendimento sobre a diferença entre adoração ao Criador e às suas criaturas. Diferentemente do que muitos poderiam supor, essa diferenciação não criou uma depreciação em relação à natureza, mas ao contrário, possibilitou o reconhecimento de que a natureza pertence a um Criador e nós somos parte dessa criação e que devemos cumprir nossa missão de cultivadores dentro de uma ética estabelecidas pelo próprio Criador. No Éden, coube-nos o cuidado com as criaturas que são manifestações da sabedoria do Criador das quais foi-nos dado usufruir e não destruir. O uso dessa sabedoria, dentro da tradição judaica encontra-se nas regras de *Cashrut* “leis dietéticas do judaísmo”, na extração de medicamentos e no bem-estar de sua presença vivificante, como cantado em *Tehilim* “salmos” e em *ShirHashirim* “cânticos dos cânticos”.

Assim sendo, temos uma presença preservada por milênios, uma identidade própria, que podemos chamar de ecológica dentro da tradição judaica.

No pensamento ecológico, boa parte das teorias começou a ganhar força na segunda metade do século passado. Muitos apontam para o protagonismo do livro *Silent Spring*, de Rachel Carson, de 1962, como um novo marco do movimento ambientalista. Logo depois, em 1972, vieram o Relatório Meadows e a Conferência de Estocolmo, da ONU. Todas essas ações se nasciam em meio às críticas ao consumismo e aos modos de vida das pessoas, principalmente no ocidente, em protestos que se formavam em torno da causa ambiental. O artigo publicado na *Science Magazine*⁸ intitulado “*The Historical Roots of Our Ecologic Crisis*” de autoria de Lynn Townsend White Jr, que na época era professor de história na University of California, surge em meio a essas manifestações e causou uma repercussão negativa na relação entre a religião e a ecologia, pois o texto acusou a bíblia hebraica de ser a impulsionadora de toda a crise ambiental que estamos vivendo, causado pelos discursos antropocêntricos contidos no livro do “Gênesis” legitimador, na visão do autor, das ações humanas de exploração e garantidora de privilégios destes, sobre a natureza. Esse artigo, infelizmente, ainda influencia muitos ecologistas que acabaram não sendo simpáticos às religiões monoteístas oriundas da bíblia hebraica, entendendo que a acusação feita por Lynn White está correta.

Embora o autor tenha direcionado suas críticas para a tradição cristã, inevitavelmente, atingiu também a tradição judaica, por se tratarem de críticas fundamentadas no livro do Gênesis, que contempla as duas tradições religiosas:

⁸ Disponível em <https://www.science.org/doi/10.1126/science.155.3767.1203>. Acesso em: 10 jan. 2024.



E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra⁹

Segundo a interpretação dada pelo o autor a esse versículo, a partir desse momento ficou legitimado o domínio e a sujeição de toda a natureza em favor da espécie humana. Os primeiros embates contrários a essa interpretação vieram da tradição judaica.

Para Rabbi Ellen Bernstein, em seu artigo publicado no periódico *“The Peoplehood Papers 28”*¹⁰, comenta o equívoco dessa interpretação de Lynn White Jr, pois considerar o versículo de do Gênesis 1:28, separadamente da continuidade apresentada em Gênesis, 2:5, é um equívoco interpretativo que descontextualiza todo tessitura do texto e que omite os propósitos dados a espécie humana de “lavrador” que “cuida” da terra. O desconhecimento do contexto ético-social e dos *mitzvot* “preceitos” religiosos da fé judaica e o desconhecimento do hebraico com suas particularidades e dinamismo próprios são perceptíveis no artigo de Lynn White Jr. A palavra “lavar” tem uma conotação de “cuidado” com a terra alterando toda a conclusão feita pelo autor.

E toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavar a terra¹¹

O artigo causou uma repercussão negativa contribuindo para uma separação cada vez mais acentuada entre a religião e a ecologia. Esse pensamento, embora repleto de erros interpretativos, foi se consolidando ao longo dos anos e passou a fazer parte das justificativas para uma possível explicação sociocultural para a atual crise ambiental.

Muito mais simbólica do que científica, a explicação de Lynn White Jr, infelizmente, se firmou como um discurso importante que afasta a religião das causas ambientais. Se quiséssemos nos embrenhar nas narrativas ocorridas no Éden, para encontrar algum registro que justifique o atual cenário de crise, poderemos encontrar muito mais assertividade no evento dramático do qual Adão e Eva se sentiram envergonhados¹² e se afastam do Criador se escondendo atrás dos arbustos, arrancando destes, ramos e folhas para confeccionar roupas para ele e para sua

⁹ Bereshit, 1:28.

¹⁰ BERNSTEIN, Ellen. The Bible’s Ecological Language. In: *The Peoplehood Papers 28. The Climate Crisis & The Jewish People: From “Why” to “What and How...”*, December 2020, MarCheshvan 5780.

¹¹ Bereshit, 2:5.

¹² Bereshit 3:7.



companheira, consolidando a primeira degradação ambiental do planeta para a confecção de uma tecnologia com intuito de ocultar os erros de seus atos e de seu sentimento de vergonha, e do seu afastamento enquanto criatura do seu Criador.

Esse evento traumático e dramático estabelece uma ruptura que fará com que os humanos se desviem de seus propósitos de “cuidar” para se preocupar em “explorar” o jardim do Éden, preocupados agora, somente com a sua sobrevivência, uma vez que souberam que iriam morrer e essa narrativa oferece muito mais argumentos interpretativos para uma plausível justificativa da atual crise e que não recai na religião, mas na nossa condição humana.

Esse desvio de conduta não estava nos propósitos do Criador e representa uma desorientação que desequilibra a harmonia e altera os critérios pré-estabelecidos. Esse talvez possa nos apresentar circunstâncias merecedoras de nossa atenção, que altera o nosso destino e conseqüentemente todo o destino do planeta, afinal a crise se instala na espécie que tinha o propósito de cuidar de toda natureza dentro de princípios éticos.

Esse afastamento deixou feridas das quais ainda não fomos curados e reflete uma necessidade que permeia toda a trajetória humana, seu destino e seu propósito como espécie. Um drama que é exclusivamente humano do qual Abraham Joshua Heschel souou de forma magistral ao comentar nas obras, *Man is not alone* e *Man's quest for God*, tratando como ponto chave o retorno e a reconciliação.

4 A presença da natureza no contexto sagrado do judaísmo

O judaísmo conseguiu preservar uma identidade ecológica em relação à natureza não permitindo que ela fosse idolatrada, e, ao mesmo tempo, também não permitindo o seu desprezo e a sua desvalorização. É possível com isso alcançar um ponto de equilíbrio nessa relação que hoje podemos chamar de sustentável. Na explicação de Heschel, no judaísmo, “a adoração da natureza é tão absurda quanto a sua alienação é desnecessária”¹³. Segundo Heschel os profetas desempenharam um papel fundamental na história judaica, estes, souberam resistir a idolatria ao mesmo tempo que contribuíram para um convívio ético com a natureza. Em *Devarim*, 5:8 “Deuteronômio” encontramos o seguinte mandamento: “não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”, essa proibição, esteve sempre na “ordem do dia” para os profetas e sábios ao que levou Heschel, afirmar que “uma das grandes realizações dos profetas foi o repúdio da natureza como um objeto de adoração”¹⁴, mas contribuiu para entendê-la como uma presença fundamental para a nossa sobrevivência dentro de um convívio que nos impõe um compromisso ético.

¹³ HESCHEL, 2006, p.80.

¹⁴ HESCHEL, 2006, p.81.



Encontraremos na *Torá* muitas passagens que demonstram em *mitzvot* “preceitos” o cuidado com a natureza, que confirmam esse compromisso, como por exemplo, em *Devarim*, 20:19-20, sobre a proibição de corte de árvores de forma desnecessária em regiões conquistadas, na proibição dos cortes antes dos três primeiros anos em consonância com *Vayicra*, 19:23, o respeito com os animais, mercedores do descanso no *Shabat* em *Shemot* 20:10, como também o direito destes animais em serem alimentados e supridos em suas necessidades alimentares antes dos humanos fazerem suas refeições como consta no *Talmud Bavli* 40a, etc.

Na narrativa da criação do *Adam*, “homem”, tem sua origem na *Adamah*, “terra” e na tradição judaica essa narrativa não significa uma espécie de filiação perante a “mãe terra”, como ocorre em algumas tradições mais próximas ao extremo oriente e que influenciaram filosofias ecológicas. Para o judaísmo essa condição de criatura feita da terra coloca a criatura humana na mesma condição das demais espécies. Quanto a essa questão Heschel afirma que “o homem e a terra são igualmente criações de Deus”¹⁵, afastando qualquer interpretação de filiação com a terra. No judaísmo a filiação humana sempre estará relacionada com o divino que se apresenta ora em aspectos maternos, ora em aspectos paternos.

Portanto os preceitos constantes na *Torá*, mantiveram uma forma de pensar, entre os humanos e a natureza, diversa dos demais povos no crescente fértil, possibilitando o desenvolvimento agropastoril de forma única e com importantes contribuições na tradição rabínica, como podemos encontrar no Tratado *Shevít*, quinto tratado do *Seder Zeraim*, na *Mishna*, relacionada apenas no *Talmud* de *Jerusalém*. Para Daniel Hillel¹⁶, em seu livro, *The Natural History of the Bible*, o povo hebreu não construiu um mundo, mas uma visão própria de mundo. Essa visão possibilitou o desenvolvimento de relações entre a natureza e o sagrado, e foram assimilados pela cultura religiosa e passou a constituir-se em regras que moldaram a compreensão entre o povo hebreu e a terra.

A natureza é fascinante aos olhares humanos. É difícil não ficar maravilhado com a grandeza, beleza e sabedoria com que foi criada. Em *Tehilim*, 92:5 “Salmos”, encontramos várias passagens que revelam essa experiência sagrada no encontro com a natureza. Uma experiência que se traduz em encanto e admiração como no salmo: “Quão grandes, Senhor, são as tuas obras!; Os teus pensamentos, que profundos”. Também pela diversidade das obras da criação: “Que variedade, Senhor, nas tuas obras!; Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas

¹⁵ HESCHEL, 2006, p.82.

¹⁶ Daniel Hillel foi um agrônomo, pesquisador na Universidade de Columbia, ganhador do Prêmio Mundial da Alimentação em 2012.



riquezas”¹⁷, e na nossa busca incessante pelos seus deleites: “Grandes são as obras do Senhor, procuradas por todos os que nelas tomam prazer”¹⁸. Porém essa busca deverá permanecer dentro de um ponto de equilíbrio para que esse deslumbre não se torne uma idolatria. Na advertência de Heschel esse momento de deslumbre pode ameaçar a tradição monoteísta judaica que se singulariza em outra compreensão espiritual, bem diferente do antropomorfismo e do panteísmo antigo ou do biocentrismo moderno, quando afirma que: “a beleza da natureza pode se tornar uma ameaça para nossa compreensão espiritual”¹⁹, pois o sentir-se maravilhado com as obras da criação não pode traduzir-se em uma adoração ao ponto de santificá-la ou sacralizá-la em dimensões ritualísticas sagradas.

Não são raros os que utilizam a palavra “santuário” para se referir aos locais onde os ecossistemas permanecem sem a interferência humana. Essa devoção que muitas vezes cria uma linguagem religiosa na experiência com a natureza, muitas delas, oriundas das correntes da *Deep Ecology*, “ecologia profunda”, cuja teoria surge com o filósofo norueguês Arne Naess, como uma opção teórica em contraponto ao antropocentrismo do qual Lynn White Jr., acusou a bíblia hebraica. Nesse sentido Heschel complementa: “A bíblia hebraica assegura que a natureza não é tudo, apesar de sua força e de sua preciosidade, de sua beleza e de sua grandeza”²⁰. Esse modo de entender a natureza e as experiências que ela proporciona, como espaço e tempo de coabitação, idealizado pelo Criador, é um indicativo de que existe um sustento para essa plataforma de vida. É nesse sentido que a experiência judaica reconhece que além da natureza compreendida como espaço e tempo, encontra-se um Criador. Em *Tehilim 121*, conhecido como Salmo de elevação, temos os dizeres seguintes: “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro?; O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra”²¹. Trata-se de um reconhecimento de que existe algo maior, além do céu e terra e da qual a criatura humana precisa se elevar na busca de respostas. Como afirmou Heschel: “precisamos aprender como levantar os nossos olhos para o alto, para ver que o mundo é mais uma questão do que uma resposta”²².

A necessidade de reorientação e de aproximação com o Criador, causado pelo afastamento, substitui aos poucos o propósito entregue à espécie humana e que permanecerá na história humana como sintoma de nossas preocupações criadas a partir desse mesmo afastamento, causado pelo erro de Adão e Eva e que resultou em uma perturbação que se instala na humanidade a partir do jardim do Éden.

¹⁷ Tehilim, 104:24.

¹⁸ Tehilim, 111:2.

¹⁹ HESCHEL, 2006, p.79.

²⁰ HESCHEL, 2006, p.81.

²¹ Tehilim, 121:1,2.

²² HESCHEL, 2006, p.85.



Dentro dessa perspectiva o tempo messiânico será, portanto, um tempo de retorno, pacífico e de harmonia com a natureza, em que cessam as perturbações e os conflitos. Encontramos no livro do profeta Yeshayahu, “Isaias” essa imagem do retorno harmonioso para toda a criação como também aparecerá em diversos textos dos profetas de Israel. Vejamos em *Yeshayahu 11:6-7*:

E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, seus filhos se deitarão juntos, e o leão comerá palha como o boi.

Podemos dizer que os profetas, foram de certo modo “ecologistas” porque advertiram o povo sobre a necessidade de preservação e de observância dos preceitos que protegem o meio ambiente como preparativo da chegada dos tempos messiânicos. Citamos como exemplo as metáforas utilizadas no livro do profeta *Hoshêa, 14:5-7*:

Serei como o orvalho para Israel, que há de florescer como o lírio e aprofundar a suas raízes como o cedro do Líbano. Estender-se-ão seus ramos e a sua beleza será como a oliveira, a sua fragrância, como a do Líbano. Os que habitam sob a sua sombra farão novamente crescer o trigo e florescerão como a videira seu perfume será como a do vinho do Líbano.

Para Heschel os profetas de Israel, foram grandes mestres que intermediaram e equilibraram os limites entre o deslumbre e a idolatria pela natureza, como também proclamaram a necessidade de respeitá-la e preservá-la em um estado de harmonia.

Esse tempo harmonioso, característico dos tempos messiânicos, que figuram nas profecias, também prefigura tempos de abundância, quanto aos frutos da terra. Temos o exemplo no texto de *Amós, 9:13*:

Aproximam-se os dias – diz o Eterno – em que o que semeia encontrará o que ceifa, e o que pisa as uvas com o que lança a semente. E as montanhas destilarão vinho doce, e as colinas se derreterão em leite.

E continua o texto de *Amós 9:14*: “Plantarão vinhedos e beberão seu vinho; cultivarão pomares e saborearão seus frutos”.

O simbolismo do leite e do mel é uma das características que mais foram apresentadas como referência para identificar a terra de Israel. Podemos encontrar a abundância dos frutos da terra como sinal indicativo da terra prometida *eretz zavat chalaavu devash*, “uma terra que emana leite e mel” além da comparação feita na metáfora da árvore e de seus frutos: “Dias virão em que Jacó lançará raízes, e



florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto a face do mundo”²³. Portanto, celebrar *Tu Bishvat* é sinalizar novos tempos, novos ciclos e novas significações da nossa condição humana diante da natureza e do planeta no qual habitamos. A festa celebra o reencontro harmonioso e salutar da nossa condição de criatura diante do Criador, condição que exige sabedoria nas ações para o reconhecimento de todos esses benefícios. Está escrito no livro do profeta *Hoshêa*, 14:9: “Quem é sábio, que possa compreender tudo isso, quem é prudente, que as saiba reconhecer”.

5 A singularidade do judaísmo em relação à natureza

O cenário de crise ambiental ressoa como ameaça para os sistemas vivos do planeta. Sendo estes resultantes de processos civilizatórios que reduziram e coisificaram as obras da criação divina causando a degradação ambiental, sinal mais veemente desse descompasso, que agora ressoa como uma crise global e que poderá definitivamente levar ao fim com um colapso planetário, o resgate e o aprofundamento na memória e nas tradições do passado, com sua sabedoria peculiar e suas experiências tornaram-se fundamentais para que possamos pensar novas soluções.

Esse retorno às tradições antigas como é o caso da tradição judaica, contribui para questionarmos os caminhos trilhados e possibilita um novo despertar, uma reconexão com a natureza na forma de celebração, com uma ritualística própria e festiva que se traduz em soluções simples que muitas vezes deixamos passar despercebida ou permanece esquecida e que precisa ser revivida.

A celebração, em ritos festivos com um *Seder* “jantar cerimonial” específico apresenta uma pedagogia única e singular de festejar o convívio com a natureza em seus ciclos de plantio, cuidado e colheita.

A festa de *Tu Bishvat* tem a capacidade orientadora de uma reconexão com a natureza que não é dominadora, mas respeitosa. Os alimentos adquirem simbolismos dentro das experiências sagradas que foram preservadas em ritualísticas próprias, possibilitando novas descobertas e revitalizando tradições que foram esquecidas principalmente na diáspora. Contribuíram para esse esquecimento, inúmeros fatores históricos, como os sucessivos domínios pelo quais passaram a terra de Israel, as dificuldades encontradas na diáspora, dificuldades por ser uma minoria cultural e os constantes levantes de antissemitismo que dilaceraram boa parte do povo e da cultura. Partindo da análise desses processos e acontecimentos históricos podemos sem exageros afirmar que a presença do povo hebreu, com a preservação de sua cultura, tradição e singularidade, em meio a tantas hostilidades já é um milagre, o que dizer então, em relação aos aspectos sensíveis, singulares do seu contato com a natureza.

²³ YESHAYAHU, 27:6.



Conclusão

Nas últimas décadas passamos a viver esgotamentos, que são os reflexos ou o espelho do que acontece na natureza. O progresso se revela, nas paradoxais transformações que estamos causando na natureza, como solos que estão se tornando inférteis, rios que fluem poluentes e a insalubridade dos ares que se revelam a todo instante como as marcas mais trágicas de nós mesmos e dos efeitos de nossas desastrosas ações, denominados por muitos pesquisadores por Antropoceno. A união dos humanos com a terra *Adamah* não pode ser substituída por outras plataformas de vidas artificiais.

Os estranhamentos e as esterilidades produzidas pelo afastamento dos humanos da natureza estão destruindo o planeta pela insistência em mantermos os mesmos estilos de vida. A aceleração dos nossos processos simbióticos e semióticos em relação ao meio ambiente natural estão passando por processos de esgotamento. A celebração anual de *Tu Bishvat* apresenta-se “um tempo natural fora do tempo tecnológico” como um encontro necessário para desfrutar das informações da grande mídia que é a biosfera do planeta e da qual somos ainda pertencentes e dependentes como espécie.

Um dos frutos da terra de Israel que vem sendo destacado no *Seder* de *Tu Bishvat*, de modo profético é a Alfarroba. Embora nos primórdios da celebração, não encontremos a sua referência, inclusive podemos notar essa ausência nos comentários do *Talmude*, mesmo assim, ele vem ganhando importância e popularidade na medida em que representa uma forma de reflexão positiva e significativa dentro dos tempos biológicos da natureza, bem diferente dos tempos tecnológicos do imediatismo disruptivo, das acelerações e das disritmias relacionais.

Como está escrito em *Qohelet*, 3:2: “Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou”, mas sabemos que um dos grandes problemas do mundo contemporâneo é justamente a relação com o tempo ou a falta dele. Tornou-se algo corriqueiro dizer que não temos tempo. Não temos tempo para nada e com isso, o tempo vem se tornando algo precioso e de muito valor. Porém estamos perdendo a conexão com o tempo e com os seus ritmos. Ele nos escapa. A ritualística de *Tu Bishvat*, vem nos colocar em outro ritmo do qual os ciclos da natureza e o equilíbrio espiritual são colocados dentro do tempo sagrado e através dele dentro da nossa agenda cotidiana.

Ao recitarmos: BARUCH ATA ADONAI ELOHENU MELECH HAOLAM, BORE PERI HAETZ²⁴ “reconhecemos o fruto que comeremos da árvore ao seu tempo” e na oração: BARUCH ATA ADONAI ELOHEINU MELECH HAOLAM,

²⁴ Tradução: Bendito és Tu, Adonai, nosso D'us, Rei do Universo, que cria o fruto da árvore.



SHEHECHEYANU VEKIYEMANU VEHIGUIANU LIZMAN HAZE²⁵, o reconhecimento que a manutenção da vida é permitida pela benevolência divina ao seu tempo, que nos permite chegar até a época presente. A celebração de *Tu Bishvat* conjuga o tempo e o espaço sagrado dentro de nós e assume cada vez mais importância na medida em que os sistemas vivos do planeta encontram-se ameaçados.

Para Nilton Bonder, a pergunta propositiva de que será que estamos atentos para “novas formas de comunicação com outras formas de vida” ressoa como uma quebra de paradigma e como um olhar diferente e mais espiritualizado sobre todas as formas de vida, que a cada dia nos surpreende com a riqueza e com a diversidade, pelas descobertas das ciências e pelas novas formas de compreensão da vida. Somente com as novas atenções, afetos e compreensões haverá possibilidade irmos adiante e compreendermos a profundidade da festa de *Tu Bishvat*, uma celebração que pode fazer a humanidade respirar e sentir a vida.

Referências

BERSNTEIN, Ellen. *The Splendor of Creation: biblical ecology*. Cleveland/Ohio: The Pilgrim Press, 2005.

BERNSTEIN, Ellen. The Bible's Ecological Language. *In: The Peoplehood Papers* 28. The Climate Crisis & The Jewish People: From “Why” to “What and How...” Mar Cheshvan 5780, Dec. 2020.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada Nova Almeida Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2017. Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Almeida versão online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>.

BONDER, Nilton. Palestra: Palavras de Deus em palavras humanas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PiyntDdII4w>. Acesso em: 07 jan. 2024.

CARSON, Rachel. *Primavera Silenciosa*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.

CHWARTS, Suzana. *Rimonim somos*. *In: Estudos interdisciplinares da bíblia hebraica*. Lucas Merlo Nascimento, Suzana Chwartz. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Escritos Essenciais*. Tradução de Andréa Kogan. São Paulo: Comunidade Shalom Sinagoga Masorti de São Paulo, 2023.

HESCHEL, Abraham Joshua. *O homem à procura de Deus*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974.

²⁵ Tradução: Bendito és Tu, Adonai, nosso D'us, Rei do Universo, que nos deu vida, nos manteve e nos fez chegar até a presente época.



HESCHEL, Abraham Joshua. *O homem não está só*; traduziu e anotou Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974.

HILLEL, Daniel. *The natural history of the Bible*: na environmental exploration of the Hebrew scriptures. USA: Columbia University Press, 2005.

JR, Lynn White. The Historical Roots of Our Ecologic Crisis. *Science Magazine*. V155, n. 3767, 10 March. Disponível em : <https://www.science.org/doi/10.1126/science.155.3767.1203>. Acesso em: 05 de jan. 2024.

ORESQUES, Naomi. CONWAY, Erik. *The Collapse of Western Civilization*: a view from the future. Columbia University Press, 2014.

Enviado em: 12/02/2024

Aprovado em: 29 /02/2024